

Simpósio Temático 13

Anderson Rodrigues Neves
Universidade Federal de Uberlândia

. **Título da Comunicação:** *Cowboys e cangaceiros: os possíveis diálogos entre Glauber Rocha e Lima Barreto no cinema de cangaço*

RESUMO: Lançamos olhares para a relação entre a História e o Cinema no afã de compreender os meandros da narrativa histórica acerca do cinema brasileiro, bem como a hierarquização que coloca no cume dessa história as obras produzidas no seio do Cinema Novo. Nossas análises partem dos possíveis diálogos entre os filmes *O Cangaceiro* (1953) de Lima Barreto e *Deus e o diabo na terra do Sol* (1964) de Glauber Rocha. O desenvolvimento de nossa análise parte das convergências de gênero e da estética adotada pelos diretores, ainda que o primeiro deixe clara a escolha do western e o segundo afirme a construção de uma estética brasileira, *a estética da fome*. Desta feita, questionamos a referida hierarquização da história do cinema brasileiro lançado luz sobre obras relegadas à segundo ou simplesmente desprezadas.

Se o cinema de Rocha é entendido como referência do que é ou devia ser o cinema brasileiro, de fato, não é por acaso, percebemos projetos que paulatinamente conferiam as cinemanovistas o ápice da hierarquia cinematográfica que fora criada por esses próprios críticos e intelectuais, posto isso percebemos que o lugar conferido ao cinema novo foi construído e não dado naturalmente. Não foi natural a noção de que a *estética da fome* cria novos parâmetros de confecção artística, bem como a sobreposição existente das obras de Glauber com relação a de outros cineastas, como em nosso caso Lima Barreto.

Se buscarmos uma comparação cênica entre *Deus e o Diabo* e *O Cangaceiro* veremos que no que tange a questão estética ambos partem de referências muito anteriores à Vera Cruz ou Cinema Novo, de imediato percebemos um diálogo – em ambos os casos – com as matrizes estéticas de um gênero que a origem se confunde com o próprio surgimento do cinema, o *western* ou *bague-bague*.

Assim, procuramos fazer o movimento contrário dos autores que compactuam com a verticalização da história do cinema brasileiro, elegendo o Cinema Novo como o referencial de qualidade e inovação estético-ideológica e relegados a segundo plano ou a lugar algum as demais obras e movimentos cinematográficos. Para atendermos nossos objetivos, procuraremos fazer diálogos com os autores: Ismail Xavier, Paulo Emilio Salles Gomes, Anatol Rosenfeld, Alcides Freire Ramos, Célia Ap. Ferreira Tolentino, Robert A. Rosenstone, Glauber Rocha, Maria do Rosário Caetano, Maria Rita Galvão dentre vários outros outros